

Confiança da indústria gaúcha segue em alta no início do ano

O ajuste do Estado e as PECs Emergencial e do Pacto Federativo

Com cenário menos adverso, indústria gaúcha projeta retomada em 2020

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731

UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS

www.fiergs.org.br/economia

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

Confiança da indústria gaúcha segue em alta no início do ano

O Índice de Confiança do Empresário Industrial gaúcho (ICEI/RS) cresceu em janeiro de 2020 para 66,5 pontos: 1,6 a mais que dezembro, consolidando 10,7 de alta nos últimos sete meses e 13,0 acima da média histórica. Embora seja comum a expansão da confiança no período, com exceção de 2019, o industrial gaúcho não iniciava um ano tão confiante desde 2010.

O ICEI/RS varia de 0 a 100 pontos e acima de 50, revela confiança. O índice é composto pelos Índices de Condições Atuais (da economia brasileira e da empresa) e de Expectativas (para a economia brasileira e para a empresa) e todos cresceram em janeiro de 2020 relativamente a dezembro de 2019.

Destaque para a evolução recente do Índice de Condições Atuais (ICA), que, desde agosto do ano passado, cresceu 13,6 pontos e, aos 60,4 pontos em janeiro de 2020 (+1,2 ante o mês anterior), alcançou o maior nível desde junho de 2010. Bem acima dos 50 pontos, o valor revela que a percepção de melhora das condições atuais é disseminada entre os industriais gaúchos, principalmente, com relação à economia brasileira, cujo índice (ICA-EB) atingiu o maior valor desde janeiro de 2010, 63,5 pontos, aumentando 16,9 em seis meses. Nesse mês, 56,3% dos empresários gaúchos afirmaram que a economia brasileira melhorou. A percepção de melhora da situação das empresas também é bastante difundida, com o índice (ICA-E) atingindo 59,0 pontos no mês.

O Índice de Expectativas para os próximos seis meses cresceu em janeiro para 69,6 pontos (67,7 em dezembro). Essa foi a quarta alta seguida e a sexta em sete meses, período em que acumulou alta de 9,9 pontos. Nesse mesmo período, o Índice de Expectativas com relação à economia brasileira (IE-EB) cresceu 12,4 pontos, marcando 69,0 pontos este mês (67,3 em dezembro). A pontuação chega a 70,1 quando se trata do Índice de Expectativas sobre a empresa (67,9 no mês anterior). Em janeiro de 2020, 74,4% e 78,7% dos empresários gaúchos estavam otimistas, respectivamente, com o futuro da economia brasileira e de suas empresas.

De uma forma geral, os primeiros sinais da indústria gaúcha para 2020 são positivos, mostrando que tanto as condições atuais quanto as expectativas continuam bastante favoráveis e compatíveis com um quadro de retomada neste primeiro semestre.

A despeito da ausência de resultados concretos (a atividade industrial mostra clara tendência de queda nos últimos meses de 2019), fatores positivos, como a Reforma da Previdência, a perspectiva de continuidade das reformas e do ajuste fiscal, a queda dos juros, com a inflação controlada, além de uma melhora recente do cenário externo mantêm a confiança do empresário gaúcho em ascensão. A confiança é importante para a geração de emprego e para a decisão de investir.

O ajuste do Estado e as PECs Emergencial e do Pacto Federativo

O principal problema das finanças públicas estaduais é o avanço das despesas obrigatórias. Desde a redemocratização, as receitas do setor público cresceram em ritmo acima da inflação e do avanço do PIB. Mesmo com esse ganho de arrecadação, a maior receita não conseguiu acompanhar o aumento nas despesas. Assim, percorremos anos consecutivos de déficits fiscais que exigiram grande dose de criatividade do setor público e sacrifício das gerações futuras para serem cobertos, em que destacamos: o aumento do endividamento até o limite da lei, a redução dos investimentos, a vendas de ativos, os saques no caixa único e a majoração do ICMS.

Outra característica desse período foi buscar os culpados externos para a deterioração fiscal, tais como a elevada dívida com a União e as desonerações das exportações de produtos básicos e semimanufaturados, a partir da chamada “Lei Kandir”.

Os ganhos com as exportações do agronegócio muito já superaram as perdas de ICMS pela desoneração das exportações. Em 2017, os estados conseguiram, via liminar no STF, a suspensão do pagamento da dívida com a União, e mesmo sem pagar a dívida, o problema permanece.

Quando todas as alternativas se esgotaram, restou

aos governos começarem a olhar para o verdadeiro problema, o elevado crescimento da despesa obrigatória, em especial com pessoal, ativos e inativos. A falta de alternativas tornou possível que se avançasse numa Reforma da Previdência, mesmo que com vinte anos de atraso, que estabelece idades mínimas e procura equalizar os benefícios dos servidores públicos e dos demais trabalhadores.

Na semana passada, o Estado do Rio Grande do Sul conseguiu um feito notável ao indicar uma reestruturação da carreira dos servidores públicos. De fato, a sociedade gaúcha já vem contribuindo há bastante tempo para o ajuste, seja na forma de maiores impostos ou na precariedade de serviços essenciais.

O Rio Grande do Sul não é um caso isolado. Outros grandes estados também apresentam situação fiscal alarmante. Nesse sentido, no segundo semestre do ano passado, o Executivo Federal encaminhou duas Propostas de Emenda Constitucional chamadas de PEC do Pacto Federativo e PEC Emergencial. As propostas criam instrumentos para conter a expansão das despesas obrigatórias e promover correções que resultem num ajuste mais rápido dos desequilíbrios das contas públicas. A aprovação dessas PECs será fundamental para que um novo marco institucional seja consolidado.

Com cenário menos adverso, indústria gaúcha projeta retomada em 2020

Ainda como um entrave importante, a demanda interna vem perdendo importância relativa.

Os resultados da Sondagem Industrial de dezembro e 4º trimestre de 2019, divulgada pela FIERGS, descrevem um cenário menos adverso, mostrando quedas sazonais da produção e do emprego, estoques baixos, satisfação com as condições financeiras das empresas e crédito menos restrito. Sugerem também que a demanda deve voltar a crescer nos próximos seis meses, gerando empregos e investimentos.

Com exceção do grau de utilização da capacidade Instalada (UCI) e dos principais problemas, ambos divulgados em percentual, os índices variam de zero a 100 pontos, tendo os 50 como marca divisória entre os resultados positivos (acima) e negativos (abaixo).

Os índices de produção (42,4 pontos) e de emprego (48,8 pontos) em dezembro denotam quedas ante novembro. Típicas do período, as quedas em 2019 foram as menos intensas desde 2010 e 2011, respectivamente. O grau médio de UCI também recuou de 74,0% para 68,0% no período, mas permaneceu em nível superior à média histórica de dezembro (67,1%). Apesar disso, os empresários gaúchos avaliaram que a empresa operou abaixo do nível normal para o mês: o índice de UCI em relação a usual foi de 45,5 pontos.

O indicador que mede os estoques de produtos finais atingiu 47,9 pontos em dezembro mostrando que ficaram abaixo do planejado pelas empresas. Nesse caso, valores abaixo dos 50 pontos são positivos, pois evidenciam que a demanda foi acima da esperada pelas empresas e sugerem maior produção para recompô-los.

Os resultados trimestrais da Sondagem mostraram melhora das condições financeiras das empresas do terceiro para o quarto trimestre de 2019. O índice de satisfação com a margem de lucro cresceu de 41,9 para 46,7 pontos. Ainda que permaneça na região de insatisfação (abaixo dos 50), é o maior valor desde o último trimestre de 2010. O índice de satisfação com a situação financeira alcançou 50,5 em dezembro. Isso indica que os empresários gaúchos encerraram 2019 satisfeitos com as condições financeiras das empresas, o que não ocorria desde o final de 2013. No acesso ao crédito, a pontuação oscilou de 43,1 para 44,0 pontos, também a maior desde o último trimestre de 2013, indicando condições menos adversas. A notícia negativa foi a alta dos custos dada pelo índice de preços das matérias-primas, que subiu de 58,5 para 59,4 pontos no período. Valores acima de 50 pontos representam aumento ante o trimestre anterior.

A Sondagem mostrou ainda que a elevada carga tributária e a demanda interna insuficiente seguem sendo os principais problemas da indústria gaúcha no quarto trimestre. Todavia, enquanto a carga tributária, entrave estrutural, que via de regra é o maior problema do setor, registrou percentual similar ao do trimestre

anterior (45,6% ante 47,4%), o percentual da demanda vem caindo: de 50,0% no segundo trimestre para 45,9% no terceiro e para 33,8% no quarto, o menor do ano.

Com o alívio no cenário conjuntural, outro problema estrutural voltou a ganhar relevância no final do ano: a burocracia excessiva. Com 21,1% das respostas, foi o terceiro maior obstáculo enfrentado no último trimestre de 2019, maior percentual da série iniciada em 2015.

A taxa de câmbio, com 20,6% (19,6% no terceiro trimestre), e a falta ou alto custo da matéria-prima, com 20,1% (14,8% no trimestre anterior) foram o quarto e quinto problemas mais assinalados pelas empresas.

Quanto ao futuro, a indústria gaúcha iniciou ano ainda mais otimista. Em janeiro, todos os indicadores de expectativas para os próximos seis meses permaneceram acima dos 50 pontos (perspectivas de alta) e cresceram ante dezembro. Os empresários gaúchos esperam aumento de demanda (61,1 pontos), inclusive da externa (55,4 pontos). Com isso, o emprego também deve aumentar (55,4 pontos) assim como as compras matérias-primas (59,0 pontos).

Nesse cenário, os investimentos do setor também devem crescer nos próximos seis meses. De fato, o índice de intenção de investir ficou praticamente estável em janeiro: 58,2 para 57,9 pontos, bem acima da média histórica (49,2). O indicador varia de 0 a 100 pontos. Quanto mais alto, mais disseminada entre as empresas a disposição de investir.

Principais problemas enfrentados no trimestre (% de respostas)

	TRIMESTRE	
	3º / 2019	4º / 2019
Elevada carga tributária	47,4%	45,6%
Demanda interna insuficiente	45,9%	33,8%
Burocracia excessiva	16,3%	21,1%
Taxa de câmbio	19,6%	20,6%
Falta ou alto custo da matéria prima	14,8%	20,1%
Falta de capital de giro	16,3%	17,7%
Competição desleal	18,7%	16,7%
Inadimplência dos clientes	15,3%	13,2%
Demanda externa insuficiente	14,8%	12,3%
Taxas de juros elevadas	12,9%	10,3%
Dificuldades na logística de transporte	10,1%	9,3%
Falta ou alto custo de trabalhador qualificado	4,8%	8,8%
Falta de financiamento de longo prazo	7,7%	8,3%
Insegurança jurídica	7,2%	7,4%
Competição com importados	7,7%	6,9%
Falta ou alto custo de energia	8,1%	6,9%
Nenhum	1,4%	3,4%
Outros	4,8%	1,5%

A soma dos percentuais supera 100% devido à possibilidade de múltipla escolha.

Fonte: Sondagem Industrial do RS / FIERGS.